



Wilder cobra mecanismos para reduzir burocracia brasileira

Wilder Morais: não deixo a base. Agora, se a base deixar Wilder..”



CERRADO



Goiânia, SEXTA-FEIRA, 6 de outubro de 2017

   /wildermorais



TIM MAIA
O HERÓI DO
MIMIMI



MARCEL PILATTI

Depois da exibição de "Vale o que vier" (Globo), especial que mesclou o filme "Tim Maia" e depoimentos de outros artistas e personagens envolvidos na vida e obra do saudoso cantor, as redes sociais foram dominadas por comentários sobre... Roberto Carlos.

Exatamente: mais que o próprio homenageado, o personagem mais comentado foi o "rei".

O que mais gerou polêmica, cruzando o longa-metragem e o "docudrama" da TV, foi a exclusão de uma cena em especial: a sequência em que Tim Maia, depois de algumas tentativas frustradas, chega ao camarim de Roberto Carlos e toma um verdadeiro chá de cadeira, depois de ganhar "botas que sobraram", e é humilhado por um assessor de Roberto Carlos, que lhe atira dinheiro amassado.

Na produção televisiva, esse trecho da película foi substituído por falas de Nelson Motta e do próprio Roberto Carlos afirmando que RC ajudou Tim nessa fase de sua carreira. Se, conforme grafaram alguns artigos hospedados em grandes portais, o objetivo era "limpar a barra de Roberto Carlos", o tiro saiu pela culatra. A partir daí, tudo que se possa imaginar foi imaginado, e dito.

Publicações especializadas focaram na "história por trás" da

edição feita pela emissora; jornalistas do meio aproveitaram para ressuscitar outras polêmicas (não importa se fatos ou boatos) envolvendo RC; comentários nas redes sociais adotaram o tom de "eu sempre soube". Começou uma confusão entre situações pontuais e trajetórias, talento e sagacidade, obras-primas e legado, voz e artista: Tim Maia foi alçado à condição de "coitado", "prejudicado", "perseguido" e alguém que "pagou o preço" por "não se vender", sendo o "verdadeiro gênio". Roberto Carlos, acusado de tudo – "invejoso", "fabricação da Globo", "aproveitador", "impostor" – e um pouco mais: trabalhou para fazer com que Tim Maia não tivesse o sucesso que merecia.

Balela. E desde já mais um caso clássico de como não são apenas as crianças que se encantam por contos de fada, heróis e vilões.

Mauro Motta, produtor musical e compositor, é alguém que viveu de perto todo o imbróglio que envolveu a primeira gravação de Tim Maia e seus tropeços até conseguir lançar o genial disco de 1970. Em sua página pessoal no Facebook, Motta contou que Roberto Carlos insistiu com Evandro Ribeiro, presidente da CBS, para que a gravadora produzisse um compacto com Tim. Esse lançamento aconteceu. Motta resume: "Se alguém tentou ajudar o Tim

nessa caminhada de início, para que ele gravasse, esse alguém foi Roberto Carlos. O resto é conversa fiada". No entanto, conversa fiada parece vender mais. Como disse Erasmo Carlos num dos trechos da produção, muitas coisas fazem parte das "lendas do Tim". Independentemente de serem alimentadas pelo próprio cantor, por seu biógrafo ou colegas, fato é que muitas histórias, se contadas da forma como aconteceram, não teriam tanta repercussão. Essa sobreposição de trajetórias faz lembrar outro duelo de ídolos brasileiros, um deles também chamado de Rei: Pelé e Garrincha.

O mesmo veneno destilado contra Roberto e a mesma paixão destinada a Tim Maia acontece no caso dos campeões mundiais. O alcance vocal de Tim, inegavelmente maior que o de Roberto, e os imparáveis dribles de Garrincha, mais espetaculares que os de Pelé, parecem suficientes para que seus fãs optem por quem é melhor. Mas é o final melancólico e até certo ponto trágico de Mané e do "Sindicato" o que mais os aproxima. Dois anos atrás, veio à tona uma "entrevista perdida" de Garrincha. O material, de 1981 (pouco antes de sua morte), exibe um ex-atleta magoado e agonizante.

Um dos temas da conversa foi Pelé. Perguntado se "ele foi mesmo o melhor do mundo", Garrin-

cha respondeu que "[Pelé] foi um jogador bom, ele tinha muita sorte" e que "tinha gente boa do lado dele para dar a bola". Momentos depois, a pergunta foi sobre se eles mantinham contato, e Mané se exaltou: "Que nada! Ele é um safado, virou estrela agora".

Um ano antes da publicação dessa entrevista, quem botou lenha na fogueira foi Diego Maradona. De passagem pela Itália, o gênio e genial argentino afirmou que Elza Soares, mulher de Garrincha, lhe revelou que Pelé negou ajuda ao ídolo botafoguense. "Pelé estava na crista da onda e poderia ter feito alguma coisa", disse Diego. O mesmo acontece com Tim Maia em relação a Roberto Carlos: o suposto desprezo revelado por Maradona encontra eco na famigerada cena excluída do filme, e as afirmações de Garrincha sobre o Pelé "sortudo" tem semelhança com o Tim que, ao longo de toda sua vida, viu Roberto Carlos como sua "Nêmeses".

Um exemplo simples: no DVD "Tim Maia Pra Sempre, Ao Vivo", que mescla um show do cantor com depoimentos, falando sobre um assunto qualquer Tim vira pro lado e diz: "eu que lancei Roberto Carlos". A versão do público é muito parecida: como aqueles que acham que a voz de Tim Maia supera todos os discos de Roberto Carlos, não são poucos os que fa-

lam que "Garrincha foi muito melhor" e que "esse tal de Pelé não vale nada". Afirmando que a mídia protege Pelé, e que Garrincha foi esquecido pela grande imprensa. Que Pelé é ganancioso, e Garrincha, inocente.

Roberto Carlos e Pelé, sem dúvidas, tiveram (têm) uma grande assessoria de imprensa e agências de marketing focadas em "proteger" suas imagens. Ambos, também, extrapolaram seus universos profissionais e se tornaram empresários e garotos-propaganda ambiciosos. Também tiveram polêmicas com paternidade. E os dois também deram diversas "bolas fora" no que tange a posicionamentos, especialmente políticos.

Em resumo, podem ser acusados de muita coisa, pessoal e profissionalmente. No entanto, dois pontos precisam ficar bem claros. Primeiro: Roberto Carlos e Pelé alçaram suas condições pelo que fizeram nos campos e nos palcos, e não pelo que "a Globo" disse, ou diz.

Afinal, não é invenção que Pelé deu um chapéu dentro da área e marcou um golão numa final de Copa, na Suécia, aos 17 anos. Não é invenção que Roberto Carlos foi o primeiro estrangeiro a vencer o prestigiadíssimo festival de San Remo, na Itália. Não é invenção que Pelé seja o único jogador a ostentar três títulos de Copa do Mundo. Não é invenção que Roberto Carlos vendeu mais discos que os Beatles na América Latina. Algo que também deve ser ressaltado é que nem Roberto nem Pelé são responsáveis pelos percalços que Tim e Garrincha passaram, a maioria destes consequências de escolhas que ambos fizeram. Em resumo, Roberto e Pelé estão longe de ser santos, bonzinhos ou "exemplos". Mas por que Tim e Garrincha estão sendo tratados assim?

Talvez a melhor forma de se resumir trajetória e a personalidade de Tim Maia esteja em outra cena de sua cinebiografia. Tim diz a Fábio: "Tu tem inveja do meu sucesso, tu queria ser eu". E Fábio responde: "É verdade, eu até queria ter o teu sucesso, ter só uma casquinha do seu talento. Sabe por quê? Porque se eu tivesse não estaria na merda que você tá. Seu maior inimigo é você mesmo".

ACESSE A ESTE conteúdo em: www.revistabula.com/3720-tim-maia-o-heroi-do-mimimi/

BUROCRACIA

Wilder cobra mecanismos para reduzir burocracia brasileira



WELLITON CARLOS

Com um pacote de sugestões legislativas e administrativas que pode acelerar o país, como o cadastro para tornar obras transparentes e carteira de identidade com chip que reúne todas informações do brasileiro, o senador Wilder Moraes (PP-GO) pede mais empenho para o Brasil ser exemplo no princípio da eficiência.

Para ele, o Brasil é o reino da burocracia e do carimbo e somente uma grande pressão popular para impedir que o país deixe de liderar a lista das nações mais morosas do mun-

do. Wilder diz que a culpa é da gestão, das leis e de pequena parte da população que lucra com a burocracia.

Existe um consenso no mundo: o Brasil não é uma nação eficiente. Nós estamos na 123ª colocação dentre os países competitivos. No levantamento de 2015, a abertura de uma empresa, em geral, envolvia 13 procedimentos e demora de 107,5 dias.

“Tudo aqui é mais difícil: abrir negócio, fiscalizar obras públicas, retirar documento. O motivo é quase sempre o mesmo: ineficiência da gestão pública. Ou pior: o costume de velhas práticas que desacele-

ram o desenvolvimento”, diz o parlamentar.

Wilder Moraes é também empresário no ramo de construção civil e alerta que o pior apagão do país ainda não aconteceu: para ele, o travamento total pode ocorrer caso não se desarme as inúmeras normas que impedem a execução do princípio da eficiência, um dos principais da Constituição Federal.

“A burocracia é capaz de impedir tudo que idealizamos. Se você propõe a abertura de uma empresa, é melhor esperar mais de três meses”, analisa. Para Wilder, o Brasil apresenta hoje um abuso de documentos, de papeladas e assinaturas.

O senador propôs mudanças na lei para reduzir papéis e burocracias, caso da identidade única, que unificaria informações em um único chip.

“Já se tornou incompatível com a modernidade sujeitar os indivíduos a guardarem mil e um documentos públicos diferentes para se identificarem em situações jurídicas específicas”.

CAMPANHA NACIONAL

O parlamentar diz que a campanha nacional pela transparência na gestão pública, que ele elogia, deveria motivar outra e ser exemplo para a desburocratiza-

ção. “Agilizar procedimentos e também incentivar ações de interesse público seria um ato cívico. E acho que transparência é correlata da desburocratização. Por isso apresentei um projeto que defende o controle centralizado de informações sobre as obras públicas custeadas com recursos federais”.

Apresentado em 2015, o Projeto de Lei 222 cria o Cadastro Brasil Eficiente (CBE). “A partir do cadastro é possível você acompanhar o andamento, os aportes financeiros, o que é destinado para a elaboração da obra”, diz o senador goiano.

O SENADOR WILDER NA MÍDIA

Diário da Manhã

WWW.DM.COM.BR

GOIÂNIA, QUINTA-FEIRA, 5 DE OUTUBRO DE 2017

9



Wilder Moraes: “Não deixo a base. Agora se a base deixar Wilder..”

Em programa de tevê, senador goiano afirma que base estará unida em 2018 e deixa claro que será candidato ao Senado Federal no próximo ano



Welliton Carlos

Da editoria de **Política**

Em entrevista para o programa “Café com notícia”, da TV PUC, o senador Wilder Moraes disse que a base aliada do governador Marconi Perillo precisa, de fato, buscar a união. O senador elogiou o governador e disse que ele é sábio e faz tudo na hora certa.

Wilder disse que Marconi ainda não sabe que caminho seguir no futuro, mas o que ele escolher será melhor para Goiás. “Tomara que seja presidente da República. O Brasil teria com certeza um grande presidente que poderia colocar o país de novo nos trilhos, voltar a crescer”.

Questionado pelos jornalistas sobre quais seriam os principais entraves para ele ser candidato na base aliada e se a senadora Lúcia Vânia (PSB) estaria na lista, o senador progressista disse que não se preocupa com as pessoas, mas em estabelecer ações e cumpri-las. “Venho trabalhando tanto para a minha reeleição que não tenho esta preocupação. Mas com certeza ela tem interesse em se candi-

datar. É uma senadora que trabalhou muito pelo estado de Goiás. Agora, só temos duas vagas. E temos três propensos pré-candidatos. Aliás, temos até mais. Mas tenho certeza que vamos encontrar um jeito de acomodar todos”.

Wilder acredita que a situação da base aliada é privilegiada em relação a 2018. “A base precisa unir. Agora, se Daniel e Ronaldo Caiado forem candidatos, com certeza, será mais fácil para José Eliton. A briga dos dois só interessa à base aliada”, analisa.

Questionado se seu nome não seria ideal para uma disputa ao governo, Wilder deixou clara sua opção: “Não é a minha vez não. É a vez do José Eliton. Deixa isso lá para frente. Seria muito bom ser vice dele, pois com certeza será um grande governador. Mas penso que posso ajudar muito Goiás lá no Senado. Então não serei candidato a deputado nem a governador. Serei ao Senado.”

Um dos comentaristas do programa disse que os jornais trazem a informação de que Daniel Vilela (PMDB) e Ronaldo Caiado (DEM) podem se “estapear” por Wilder Moraes. “Qual a chance do senhor deixar a base aliada?”, questionou. “Nenhuma. Zero. Agora, a base aliada pode deixar o Wilder. E se deixarem,



Wilder Moraes quer disputar a reeleição pela base aliada, mas se for preterido, pode mudar de lado

eu não tenho outra opção. Estou dizendo: vou ser candidato. Quero ter oportunidade de disputar o voto”.

O jornalista perguntou então se não seria uma grande injustiça da base aliada contra Wilder, caso ele seja preterido no grupo, já que jamais falou com a oposição e sempre foi “fiel” desde o início. “Acredito que isso não acontecerá. Quando assumi o PP nós sempre tivemos uma tratativa de que seria o candidato da base. Agora certamente ainda estamos distantes das eleições do ano que vem. Acho que as coisas devem se ajustar até lá. Sempre falo que o governador tem uma

“**A base precisa unir. Agora, se Daniel e Ronaldo Caiado forem candidatos, com certeza, será mais fácil para José Eliton. A briga dos dois só interessa à base aliada”**”

corrente com toda a parte política do Estado de Goiás. Na hora certa saberá encabar cada um.”

O jornalista e deputado estadual Manoel de Oliveira, um dos apresentadores do programa, questionou sobre a revelação feita por Marconi, de que um dos votos ao Senado seria do progressista. Wilder explicou o contexto: “O governador disse que o primeiro voto dele seria meu. E disse que votava em mim, para meu orgulho”.

NÚMEROS

Wilder disse que tem realizado muitos esforços no período que

está atuando no Senado. “Pela experiência que tive em 5 anos, talvez nenhum parlamentar tenha ajudado tanto o Estado de Goiás como eu. Se quiserem entrar em números de quanto e do que trouxemos para Goiás, podem entrar”, disse para os jornalistas.

Wilder falou ainda que teve oportunidade de colocar uma obra em cada cidade e que jamais fecha o gabinete para os prefeitos – daí o apoio suprapartidário que recebe nas cidades. “Fico contente por estar na política e poder ajudar os municípios, principalmente os pequenos, pois venho de uma cidade pequena, Taquaral. Então sei o que é viver no interior. Por isso tenho feito um bom trabalho para os municípios. Nós chegamos hoje a 204 cidades que apoiam o senador Wilder”.

HISTÓRIA

Em 2002, o atual ministro da Fazenda Henrique Meirelles foi convidado a disputar uma vaga para o Senado Federal pela base aliada. Na época, seu nome foi preterido pela postulação de Lúcia Vânia.

Apesar de eleito com votação recorde para a Câmara dos Deputados, Meirelles jamais assumiu a cadeira e se afastou da política goiana. Em seguida, convidado para ser presidente do Banco Central, abandonou a base aliada e migrou para o grupo do ex-presidente Lula, tornando-se espécie de mentor da política econômica das gestões petistas. Meirelles é hoje cotado para ser candidato à presidente da República.

Biblioteca Bernardo Élis

wildermoraes.com.br/biblioteca



/wildermoraes

No escritório do mandato, em Goiânia
Rua 88, nº 613, Qd. F-36, Lt. 06-81,
Setor Sul – CEP 74-085-115.
Telefone: (62) 3638-0080/(62) 3945-0041